

Biomedicina: estratégias de apropriação política da vida no século XXI

Lia Almeida

ROSE, Nikolas. A Política da Própria Vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. Tradução por Paulo Ferreira Valerio. São Paulo: Paulus, 2013.

RESUMO: Em *A Política da Própria Vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI*, Nikolas Rose discute o conceito de biopolítica a partir dos avanços da biomedicina e conseqüente surgimento de novas racionalidades biológicas de abordagem da vida. Para isso, Rose articula cinco dimensões do mundo atual em que estão ocorrendo mudanças significativas: molecularização, otimização, subjetivização, *expertise* somática e bioeconomia.

Palavras-chave: biopolítica; biomedicina; subjetividade.

ABSTRACT: In *The Politics of Life Itself: biomedicine, power and subjectivity in the 21st century*, Nikolas Rose discusses the concept of biopolitics based on advances in biomedicine, which led to the emergence of a new biological view of life. To this end, Rose proposes five dimensions of today's world in which he believes significant mutations are occurring: molecularization, optimization, subjectification, somatic expertise and bioeconomics.

Keywords: biopolitics; biomedicine; subjectivity.

A problemática da biopolítica não se situa somente no campo da biologia e da política, mas sim, está entrelaçada com todas as dimensões de atuação da vida humana. Foi pensando nesse complexo campo de atuação, que em 1979, no curso intitulado *O Nascimento da Biopolítica*, Michael Foucault (2008)¹ nos diz que para entendermos a biopolítica, é necessário estudar melhor o liberalismo e entender a emergência de um certo tipo de prática governamental que se instaura em meados do século XVIII.

O neoliberalismo chega colocando em crise as estruturas de controle existentes e exigindo um novo olhar sobre o que regula e governa a vida. É a partir

¹*O Nascimento da Biopolítica* traz aulas ministradas por Foucault em 1979. Esse material foi publicado apenas em 2004, em uma versão em francês, sendo traduzida para o português em 2008.

dessa observação, que Foucault (2008) passa a analisar novas formas de governabilidade que incluem os indivíduos no cálculo econômico. A vida passa a gerar recursos econômicos.

A partir de Foucault, diversos autores se dedicaram a estudar e desenvolver novas análises sobre o conceito de biopolítica, entre os quais está Nikolas Rose, diretor do *Centro BIOS para Estudo de Biociência, Biomedicina, Biotecnologia e Sociedade*, da Escola de Economia e de Ciência Política de Londres (LSE).

Em *A Política da Própria Vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI*, Rose ressalta a expectativa do século XXI como o século da biotecnologia. Para ele, as novas possibilidades da medicina estão intimamente relacionadas à emergência de uma nova forma de vida, sendo o foco de sua obra, o mapeamento da política dessa forma de vida.

Assim, sugere o termo “a política da vida nela mesma” para falar dessa política vital, marcada pela crescente capacidade de reformular ou modular nossas capacidades como seres vivos. De acordo com ele, as biotecnologias vão incitar um novo tipo de relação dos indivíduos com suas próprias vidas.

O principal argumento de Rose é que a real novidade na biopolítica contemporânea vem da percepção de que vivemos uma mudança na condição de projetar a nossa vitalidade a partir da compreensão da vida no nível molecular. O autor defende a ideia de que é preciso observar cinco dimensões do mundo atual que passam por modificações: 1) molecularização; 2) otimização; 3) subjetivação; 4) expertise; 5) bioeconomia.

A molecularização da vida está relacionada à inteligibilidade. Os conhecimentos biomédicos permitem a observação da vida humana no nível molecular. O conjunto de mecanismos vitais agora poderá ser visto, analisado e manipulado de forma isolada, originando uma nova forma de entender a vida e uma nova forma de pensarmos a nós mesmos.

Uma vez compreendida no nível molecular, a vida se abre a intervenções que buscam garantir o melhor futuro possível ao indivíduo. No campo da otimização, ultrapassamos a delimitação dos polos de saúde e doença, como também saímos do foco sobre a necessidade de eliminar patologias para a otimização das possibilidades de vida do indivíduo. Nesta linha, o autor desenvolve as ideias de susceptibilidade (como evolução da ideia de risco) e aprimoramento.

Novas ideias sobre o que somos, o que deveríamos ser e o que devemos esperar ser ganham forma, tratando-se assim, de uma nova forma de subjetivação. O conceito de cidadania biológica ganha forma e redefine os direitos, deveres e expectativas dos seres humanos em relação a sua própria vida. Redefine a forma que eles referem-se a si mesmos e reorganiza as relações entre os indivíduos e autoridades biomédicas.

Neste contexto, surge a noção de biossociabilidade, utilizada para analisar as formas de sociabilidade surgidas da interação do capital com as biotecnologias e a medicina. Trata-se da formação de “novas identidades”, marcadas por determinadas práticas individuais e em grupo, originadas desses novos discursos de verdade. Remete-nos às implicações socioculturais e políticas da nova genética, um novo tipo de autoprodução.

Tais desenvolvimentos originam novas formas de governar a conduta humana e, conseqüentemente, a formação de novos discursos de verdade sobre a vida. Surge assim uma série de novos atores considerados competentes para serem portadores das verdades, compreendendo uma série de profissões que passam pelo laboratório, a clínica e especialistas de todo tipo, verdadeiras autoridades em “como viver melhor”.

Por fim, a quinta linha a ser analisada, a bioeconomia, em que a vida se torna um elemento dentro do circuito econômico: capitalização, tecnologiação e produção de verdades. A própria produção da verdade exige uma ampla rede de investimentos, como também a vida decomposta fica aberta à exploração econômica, sem deixar de lado, a crescente demanda pela bioética e sua função central na criação e regulação do mercado.

LIA ALMEIDA é doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP (Bolsista CNPq) e Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas, pela UFBA. liaraquella@gmail.com

Referências

FOUCAULT, Michael. *O nascimento da biopolítica*. Tradução por Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

RAJAN, K. S. *Biocapital: the constitution of postgenomic life*. Durham e Londres: Duke University Press, 2006.